

DMA

**Revista das
Filhas de Maria Auxiliadora**



Amada desde sempre

01 / 02 – janeiro/fevereiro - 2008

DMA Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras:

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi - Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyleneinstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Marisa Montalbetti – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Manuela Robazza – Lucia M. Rocas – Maria Rossi.

Tradutoras:

francês – Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes Ferreira

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetoria austríaca e alemã

Edição extra-comercial:

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 5/6 maggio-giugno 2007 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Sumário

Editorial	<i>Também o DMA um sinal de amor</i>	4
Dossiê	<i>Amada desde sempre</i>	5
A Lâmpada	<i>Na soleira da porta</i>	10
O Evangelho na vida	<i>Os verbos intrigantes de uma narrativa</i>	12
Diálogo	<i>Testemunhas de reconciliação</i>	14
Filo de Ariadne	<i>O otimismo: pode-se aprender</i>	15
Cooperação e desenvolvimento	<i>Por uma solidariedade eficaz</i>	20
Direitos humanos e Vida Consagrada	<i>Tira o meu povo do Egito</i>	22
Fotoclick		24
Polis	<i>O sentido da política</i>	25
Jovem.com	<i>Second life. O teu mundo. A tua imaginação</i>	26
O Ponto	<i>A semente da paz</i>	28
Estante Sites	<i>Resenha sites Web</i>	29
Vídeo	<i>Cem Pregos</i>	30
Estante	<i>Resenha video</i>	32
Livro	<i>Mil esplêndidos sóis</i>	35
Camilla	<i>Uma agendinha nova</i>	37

EDITORIAL

Também o DMA um sinal de amor

Giuseppina Teruggi

A nossa Revista continua com o seu encontro bimestral, atenta aos eventos de particular relevo que acompanham este novo ano. Os *Capítulos gerais* SDB e FMA examinam cuidadosamente a vida das duas Congregações em vista de uma fidelidade inculturada do carisma no hoje. O *Sínodo dos Bispos* sobre o tema “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, constitui uma ocasião de relançamento, em particular para nós consagradas, a fim de encontrar, rezar, viver a Palavra.

Evento internacional de grande significado é a *Jornada mundial da juventude* que se realizará em Sidney (Austrália). Os olhos da multidão, especialmente dos jovens, estarão voltados para as *Olimpíadas*, na República Popular Chinesa.

Vivemos uma época favorável, dizemo-nos com freqüência, conscientes das oportunidades oferecidas pelo nosso tempo, mesmo constatando tantos sinais destrutivos nesta transição histórica. A Revista coloca-se com atenção no contexto de hoje e, por meio do dossiê, tenciona motivar a reflexão sobre cinco fronteiras de missão – a mulher, os imigrantes, a ecologia, os leigos, o diálogo inter-religioso – que interpelam a vida consagrada. E que nos desafiam como portadoras de um carisma educativo. A assembléia internacional das Superiores gerais (UISG) em março de 2007 identificou estes cinco núcleos com outros tantos fios para “tecer uma nova espiritualidade que gere esperança e vida para a humanidade”. Na linha dos temas capitulares, cada dossiê terá como horizonte a realidade de *amar e sentir-se amado*, e como linhas transversais, a espiritualidade do cotidiano, a busca de sentido para os jovens, os conselhos evangélicos, a ótica da esperança.

O DMA inclui neste ano novas rubricas que tocam temas da atualidade. *Direitos humanos e vida consagrada* quer focar de que modo a própria vida consagrada é chamada a empenhar-se na defesa e na promoção dos direitos humanos. A página da *Lectio*, correspondendo a alguns tempos do ano litúrgico, facilita a passagem do Evangelho para a vida. *Polis* é uma rubrica de aprofundamento sobre temáticas políticas de caráter geral: a democracia, a participação e responsabilidade civil, o bem comum, a consciência crítica. *Cooperação e desenvolvimento* quer explorar a realidade da cooperação internacional e apresentar alguns projetos realizados pela Comunidade das FMA.

A seção Comunicação enriquece-se com rubricas que querem ajudar a compreender alguns fenômenos comunicativos emergentes: *Jovens.com* permite introduzir-se em realidades atuais como Second life, You Tube, Cyber bullismo, Blog; *Estante sites* oferece uma resenha de sites na Internet concernentes às temáticas oferecidas pelos dossiê; *Foto-click* recolhe testemunhos de jovens a partir das fotos tiradas por eles mesmos.

A nossa Revista, com simplicidade, deseja também ser um *sinal* de amor para cada FMA, para cada jovem, para todas as comunidades educativas. Auguramos que possa efetivamente comunicar esta linguagem.

gteruggi@cgfma.org

DOSSIÊ

Amada desde sempre

Emília Di Massimo e Giuseppina Teruggi

O amor é a vocação fundamental à qual cada pessoa é chamada. É um dom concedido no início da existência e que constitui o dever mais importante de toda a vida: descobrir-se como criaturas amadas e aprender a arte de amar. É Deus mesmo que nos chama a amar para sermos felizes e para chegarmos a ser como Ele, que é Amor. A nossa vocação é amar porque o amor nos torna pessoas realizadas e porque só o amor confere plenitude e sentido à vida.

“Ninguém me ama?”

Do diário de uma educadora: «Quando M. me confidencia: “e abortei”, as lágrimas lhe banham o rosto. Procuro detê-las num abraço para que não continuem posteriormente a ser as chagas que lhe magoem o coração».

Experiência de um amor errado; a traição que fere inesperadamente como uma bofetada no rosto. “Senhor, por que o amor faz sofrer tanto?...”.

«L. quer que escute o seu namorado. Afirma que se converteu ao receber a notícia da morte de João Paulo II. “...Improvisamente compreendi que Jesus sempre me amou!... O exemplo de L., o seu testemunho de fé, tocou-me. Mediou a minha conversão”. L. esperou M. por seis anos. Pedia-lhe simplesmente para ir buscá-la no final da celebração eucarística. O respeito total foi o seu principal jeito de amá-lo.»

«Percebo que na classe, G. está presente só fisicamente. Compreendo que a garota da qual está enamorado o absorve totalmente. Os conflitos da relação levam-no a reagir com violência. Aproximo-me. Falo-lhe. Escuta-me e me diz somente: “Obrigado porque te interessas por mim”. Puxa o boné sobre os olhos para esconder as lágrimas».

Os breves relatos apresentados são apenas uma fresta sobre a experiência educativa que cada uma vive e que faz ressoar no próprio coração, lugar inédito onde se compreende que cada novo dia é um dia a mais para amar, para sonhar, para comunicar o amor que continua a fascinar tudo quanto se é e se vive.

«S. confidencia-me que a dor tem sido parte integrante do seu percurso, mas eu a fiz compreender que nada é mais precioso do que um grande amor. “Devo reconhecer os sinais do verdadeiro amor mesmo temendo que ele possa chegar muito tarde...”».

“Ninguém me ama?” Parece ser este o grito que os jovens nos fazem ouvir quando nos revelam o seu mundo interior. Não há uma resposta pronta; não há um glossário onde se possam encontrar explicações. O desejo dos jovens de serem amados e de amar interpela a aspiração análoga presente em cada coração humano; interpela-nos e nos desafia na resposta: “Posso afirmar que obtive o que desejava, não obstante tudo? Isto é, considero-me amada, sinto-me amada?”.

“A verdade – disse o Papa aos jovens, numa tarde de junho em Assis – é que as coisas finitas podem produzir faúlhas de alegria, mas só o infinito pode preencher o coração”. É para o infinito que o coração dos jovens, o nosso coração, é encaminhado quando tem sede de amor autêntico, quando sofre e quando é feliz. É uma viagem que toca o profundo de cada um; vale a pena prosseguir nesta direção...

Mil esplêndidos sinais do amor de Deus

Hoje tem-se a percepção de haver sempre menos certezas, de estar imersos numa crescente confusão e precariedade. “A que podemos agarrar-nos?”, pergunta-se com frequência a multidão. Mas uma certeza podemos ter de modo absoluto: sou amado, então vivo. É o amor a substância do meu ser. O amor que me chamou à existência e me dá cada momento da vida. Aquele que Deus nos revelou enviando para o meio de nós o próprio Filho. O amor que Jesus nos demonstrou no dom supremo de si e que continua no tempo como presença viva na Eucaristia e no sacramento da reconciliação.

Um exercício eficaz a que eventualmente nos dedicamos e que com frequência tem sido sugerido nos dias de retiro ou de exercícios espirituais, é percorrer a nossa história com uma leitura sapiencial. Ou seja, elaborar a cronologia da nossa vida não tanto registrando eventos, mas dialogando com o Deus-amor à luz de sua Palavra. Interpretar os fatos, as circunstâncias como *sinais* com os quais Ele nos tem amado desde sempre.

Nesta ótica, encontra resposta a dúvida que angustia muita gente: existe alguém que me ama? Cada qual pode descobrir que a sua história é história de salvação, única, não repetível, atravessada por um fio vermelho que se chama amor. Também quando, fluindo a trama da própria existência, são registrados momentos difíceis, situações pesadas, fracassos, até experiências de pecado. Sou amada desde sempre e, com o olhar límpido, posso distinguir cotidianamente mil esplêndidos sinais do amor de Deus!

“Cada homem é uma história sagrada”, é o título de um notável livro de Jean Vanier, que se definiu a si mesmo como um “discípulo de Jesus que busca colocar a sua vida sob a luz do evangelho”. Ele próprio faz notar que a vida humana passa por fases diversas, “da fraqueza inicial à fraqueza final, do seio materno ao seio da terra, passando por fases de atividade e de luz e fases de perda de atividade e de luz e, portanto, de sofrimento” (p. 180).

É ainda Jean Vanier, que cita o texto bíblico para iluminar-nos com uma leitura positiva da nossa realidade envolvida pelo amor. Observa que Oséias, no seu livro, transmite esta mensagem de Deus: “Eu a atrairei a mim... falarei ao seu coração... restituir-lhe-ei as vinhas e transformarei o vale de Acor em porta de esperança” (Os. 2, 16-17). O vale de Acor, situada na vizinhança de Gericó, é uma zona intransitável e perigosa. O povo permanecia à distância e a contornava porque estava infestada de bandidos e de animais ferozes. Oséias afirma que Deus, depois de um encontro de amor, falará ao coração da pessoa e fará do vale tenebroso uma porta de esperança e não mais um lugar maldito a ser evitado.

A certeza de que Deus vem ao encontro de nossa história e a visita com o seu amor, permite-nos penetrar sem temor no mundo das nossas trevas, dos nossos fracassos e no mundo de sofrimento e de pobreza que existe fora de nós, o vale de Acor. Realizar-se-á assim um milagre: transformar em vida e esperança um cenário de dúvidas e de medo.

Deixar-se surpreender pelo amor

“Existe um grande tesouro que se pode encontrar num único lugar do mundo. É uma coisa que se pode chamar realização da existência. O grande tesouro é: deixar Deus entrar no presente. E o lugar no qual se encontra este tesouro é onde tu estás agora” (Martin Buber).

A afirmação de Martin Buber encerra em si um sabor caseiro. Como não pensar na riqueza da nossa “espiritualidade do cotidiano”? Ainda que a existência seja escandida

pela agenda, pelo relógio, pelo computador ou pelo celular e muitas vezes parece oscilar e escapar-nos, quando o nosso coração se orienta para o seu ponto cardeal, retira-se ao seu ermo pessoal e pede ao Espírito para dar às nossas ações o seu dinamismo. Pressentimos a necessidade de entregar ao Amor todas as ações da nossa jornada e assim tornar-nos capazes de saborear o seu significado. Acreditamos que cada dia foi pensado e preparado por Alguém; não é apenas uma data e um mês.

Quando os olhos do coração observam em profundidade o cotidiano que nos é concedido viver, nele descobrimos admiração e gratuidade. Surpreendemo-nos por ter sido sinal de amor em algum lugar, não importa se pobre ou humilde. Percebemo-nos usando recursos inesperados e percorrendo trechos de estrada mesmo sem ser asfaltados. Somos capazes de reconhecer as fagulhas do amor presentes sob a aparente fachada do que chamamos "habitual"; tornamo-nos conscientes do amor, seja dado seja recebido.

Deixar-se surpreender pelo amor: o encontro com a pessoa, como acontece em cada manhã, à qual dei o *bom dia*. O sorriso gratuitamente doado que reergueu o outro. O gesto de reconciliação e o copo d'água oferecido...

Deixar-se surpreender pelo amor: as irmãs com as quais convivo, um dom novo, único e inédito. O alimento preparado e a toalha estendida. A oração em conjunto e a paixão pelos jovens. O desejo ardente de um amor que quereríamos fazer explodir em qualquer pessoa que encontrássemos e a acolhida serena dos limites recíprocos...

Deixar-se surpreender pelo amor: o bem semeado na missão que amadurece e floresce nos jovens, que nos agradecem por aquilo que nem mesmo nos lembramos ter feito. Os leigos que nos consideram um ponto de referência e qualquer pessoa que se dirige a nós porque está certa de ser acolhida...

Aquele que é amante da vida nos atinge mediante os eventos mais comuns e simples, por meio daquilo que consideramos *rotina* aparentemente banal e humilde. Ele mesmo, nas circunstâncias de cada dia, quer surpreender-nos com o seu amor e proteger-nos com sua ternura e benevolência. "O que quer o Dileto de mim? O que pode ser agradável, hoje, ao Deus de amor?", perguntava-se Ir. Teresa Valsè Pantellini. A partir daí, a experiência que a persuadiu a "levar Deus para onde quer que fosse", a passar de uma fadiga real à surpresa, para que aquilo que se vive, impregnado de calorosa humanidade, não tenha um horizonte unicamente terreno.

Deixar-se surpreender pelo amor, a cada dia, conscientes de que o momento presente é o único que nos é dado para amar e para acolher o amor. É um instante irreversível, pensado desde sempre; tem as suas origens na eternidade e volta para ela. Como menosprezá-lo, como não tomar consciência de que "tudo o que tenho vivido, agora o sei, Senhor, me falava de ti. Tudo o que vivo hoje vivo-o contigo"?

O manifesto do amor

"Educar em primeiro lugar com o exemplo, porque as coisas ensinadas com o exemplo ficam muito mais impressas no coração, fazem maior bem, e depois com as palavras" (Maria Domingas Mazzarello, *Carta 17*). "Conseguir-se-á mais com um olhar de caridade, com uma palavra de encorajamento que desperte confiança no coração, do que com muitas reprovações, as quais não fazem senão inquietar" (Dom Bosco, *Sistema preventivo*, 255).

Expressões simples, mas incisivas que os nossos Santos nos lembram. Substancialmente, o nosso carisma nos pede para tornar-nos amor a fim de que Jesus possa amar com a nossa vida; desafia-nos a encontrar estratégias prioritárias para que, amando o que os jovens amam, eles possam encontrar a fonte inexaurível do Amor. As

dificuldades educativas nos levam a perguntar-nos como isto, hoje, possa ser atuado. Indubitavelmente a época contemporânea requer profissionalização e competência a ser colocada a serviço em campos variados, mas jamais como no tempo atual fomos chamadas com tal intensidade a testemunhar a arte do relacionamento humano, cristão, salesiano. Numa sociedade que experimenta aridez afetiva e extravio sentimental, na qual a riqueza do encontro é com frequência substituída por escolhas variadas, o coração humano, em particular o coração do jovem, necessita do bálsamo do amor que se materializa no olhar, linguagem não-verbal que transmite atenção à pessoa e às suas experiências; na “palavrinha ao ouvido”, expressa com ternura e benevolência, como um *sms*, que tem, porém, um rosto e uma voz; na escuta em que o próprio ser se faz entranhas para acolher e doar compaixão.

Os jovens manifestam diversas fragilidades, mas permanecem abertos, disponíveis e generosos. São sensíveis às pessoas que confiam neles de antemão, assinando a folha em branco. Buscam relações autênticas, são pesquisadores da verdade. Evitam o individualismo quando encontram educadores que sabem fazer amadurecer o seu sonho interior. A dimensão espiritual está presente nos jovens, apesar de alguns contextos não oferecerem condições para desenvolvê-la; estão prontos para empenhar-se em grandes ideais se alguém lhes aponta “a pérola preciosa” que envolveu a sua vida.

Estão também em busca de razões vitais sobre as quais construir a própria história e têm um imenso desejo de ser amados gratuitamente, por alguém que gaste o seu tempo com eles, sem considerá-lo “tempo perdido”.

Os jovens de hoje são como as gerações precedentes: capazes de generosidade, solidariedade e dedicação se forem motivados por uma causa. É verdade que “em cada jovem há um ponto acessível ao bem” e este emerge e chega a desabrochar quando os olhamos na perspectiva do “basta-me que sejais jovens”.

Dom Bosco, Maria Domingas Mazzarello, não escreveram tratados. O seu sucesso educativo aprofunda as raízes no exercício do amor e no deixar-se amar pelo Espírito, assim tornaram-se manifestação viva do amor de Deus, como os jovens em Valdocco e em Mornese afirmavam que o que de mais belo haviam visto eram os seus educadores; assim cada uma de nós pode dizer aos jovens: “Meus caros, dificilmente podereis encontrar quem vos ame mais que eu em Jesus Cristo, e quem mais deseje a vossa verdadeira felicidade” (Sistema preventivo 79). É um augúrio, um desafio, uma provocação, uma realidade que já está no nosso coração, nas nossas casas e que precisa continuar crescendo.

Cinco fios a serem tecidos

A deliberação capitular que acompanha o caminho para o CG XXII pede a cada FMA que se envolva num “processo de renovação vital, no contexto da busca sobre a vida religiosa em ato na Igreja” (Atos CG XXII 43).

À luz de tal empenho, como redação para a revista DMA escolhemos levar em consideração a reflexão da UISG (União Internacional Superiores Gerais) sobre a vida religiosa hoje.

Na assembléia geral de maio de 2007, da qual também participou nossa Madre, M. Antonia Colombo, foram evidenciados cinco núcleos preferenciais inerentes a realidades que desafiam o desempenho das consagradas. Para expressá-los, as 800 participantes (aproximadamente) da assembléia apelaram para a imagem de cinco fios com os quais tecer uma nova espiritualidade que gere vida e esperança na humanidade: as mulheres, os imigrantes, o caráter sagrado da terra, os leigos, o diálogo inter-religioso. Assumimos

por isso os cinco fios como espaços alternativos aos quais dedicar-nos para ser sinais do amor gratuito e preveniente de Deus.

A mulher. É uma área que pressupõe o reconhecimento da dignidade de cada mulher e sua promoção, o desenvolvimento da reciprocidade entre homem e mulher como paradigma para outras relações pessoais ou grupais em contextos marcados pela diversidade. Ser sinais do amor preveniente de Deus requer também a denúncia de situações de opressão, de abuso, de exploração dos direitos da mulher. Significa acompanhar os caminhos de resgate de tantas formas de pobreza e oferecer um testemunho de mulheres que vivem a sua vocação no amor fazendo de Jesus Cristo o centro do seu coração.

Os imigrantes e os refugiados. A injustiça que presenciamos, nas suas mais variadas formas, cria em nós desconcerto e às vezes frustração pela impossibilidade de erradicá-la. A nossa *profecia* de mulheres consagradas nos leva a ser abertas e, em primeira linha, a discernir tantas situações de injustiça lá onde nos encontramos. O Instituto, em muitos lugares, busca ser resposta efetiva e concreta à situação, sobretudo, dos imigrantes e em muitas obras nossas age-se em rede com outros organismos empenhados em frentes análogas.

O caráter sagrado da terra. A terra pertence a todos e é injusto monopolizar os recursos para possuir, explorar, poluir de modo indiscriminado. Educar-nos e educar ao consumo crítico, estar atentas ao problema ecológico, empenhar-nos em favor de um desenvolvimento sustentável, são aspectos que podemos desenvolver na era da globalização, em que a rede da interdependência de povos e nações deve poder tornar acessível a todos os recursos do planeta.

Os leigos. "De que modo, no relacionamento com os leigos, somos sinais e expressão do amor de Deus?". É a pergunta de fundo a que o dossiê buscará dar resposta. Estamos cada vez mais conscientes de que os leigos são parte integrante do carisma do Instituto: por meio deles consegue-se ter uma eficácia de comunicação e de realização dos objetivos específicos. O caminho junto com os leigos pode ajudar reciprocamente na vivência dos conselhos evangélicos, segundo a vocação de cada um, e a reforçar a própria identidade.

O diálogo com as religiões do mundo. A diversidade de culturas e de religiões deve ser considerada como riqueza e não como obstáculo, um caminho que permite descobrir o que buscamos em profundidade. Convida a testemunhar a própria fé no respeito a outras crenças e a proclamar com convicção os valores que são comuns como a liberdade, o reconhecimento da dignidade de cada ser humano, a paz, a reciprocidade nas relações. É necessário por isso superar preconceitos e estereótipos para crescer na capacidade de um diálogo claro e avesso aos fundamentalismos.

Tecer estes fios é gerar vida e esperança, dar cor e significado aos nossos percursos comunitários e demonstrar que o amor de fato pode continuamente surpreender-nos.

Delegata.tgs@fmairo.net
gteruggi@cgfma.org

Bibliografia

F. Negri e I. Guglielmoni (aos cuidados de), Il vangelo nella città, um mês com Madeleine Delbrêl, Ed. Centro eucarístico, 2004.
Jean Vanier, Ogni uomo é una storia sacra, EDB, 1996.
Ermes Ronchi, Lê case di Maria, Ed. Paoline, 2006.
Henri J. M. Nouwen, Sentirsi amati, Queriniana, 1992.

A *necessidade* de ser amada está presente em cada pessoa. A *certeza* de ser amada é fonte de paz e de profunda felicidade.

Pessoalmente ou em grupo busque os motivos que sustentam estas afirmações e ilustre-os com experiências concretas.

Reserve-se um tempo para rever a própria história pessoal, com a certeza de ser uma criatura amada desde sempre.

Quem se sente amado, ama. Todavia amar e expressar o próprio amor é muitas vezes difícil. Por quê?

Qual é o motivo pelo qual se pode chegar a dizer: "Não a sinto em mim"? O que bloqueia interiormente e tolhe a liberdade de amar (dúvida, medo, timidez, desconfiança, indiferença, orgulho...)?

Que passagens obrigatórias é necessário realizar para aprender a amar de verdade?



A LÂMPADA

Na soleira da porta

Graziella Curti

1º passo do caminho para a lectio

O Concílio Vaticano II apontou para a grande descoberta da Palavra de Deus, um dom que será celebrado este ano com o Sínodo mundial sobre a Bíblia.

Assim também no Instituto e na vida pessoal, cada uma de nós experimenta a aproximação cada vez maior desta longa carta de amor que Deus escreveu para o seu povo. Todavia, conforme as últimas pesquisas, parece que existe ainda muito caminho a ser feito, mesmo entre os religiosos e as religiosas, para se chegar a interpretar corretamente e a viver em plenitude a *lectio divina*, "que é leitura orante, palavra rezada, oração meditada".

Nesta rubrica, seguiremos as pistas da *lectio* apresentadas por Enzo Bianchi no livro *Rezar a Palavra*, para penetrar mais profundamente a experiência de Deus, saborear a sua presença a fim de transmiti-la com transparência e simplicidade aos outros.

Um lugar

Quando, pois, quiseses mergulhar nesta leitura procura antes de tudo um lugar deserto e silencioso, onde possas no segredo rezar ao Pai até chegar a contemplá-lo.

Em geral, a lectio é feita na capela, lugar de silêncio que nos ajuda a penetrar em profundidade o texto. Às vezes, por motivos vários, não nos é possível estar na igreja, mas o quarto ou um outro lugar que nos convidam à paz e à solidão, são boas alternativas desde que nos sintamos à vontade, longe das distrações, tranquilos e, possivelmente, com um símbolo (vela – flores – ícone) que favoreça a oração.

Aquele lugar torna-se sagrado porque ali encontramos Deus, o Senhor. Ali ouvimos a sua voz, ali somos educadas pela sua Palavra. Pode acontecer que às vezes sejamos tentadas a deixar aquela solidão, ainda que só com a fantasia, ou sintamos o peso do silêncio e da reflexão. Pedimos ajuda ao Espírito para que nos dê firmeza e estabilidade e nos ajude a vencer a superficialidade que vem do Adversário.

Um tempo

Industria-te para que o lugar da lectio divina e a hora do dia te permitam o silêncio exterior, preliminar necessário ao silêncio interior.

Habitualmente, o tempo que dedicamos à oração é o da manhã, livre do rumor da atividade, espaço branco da alma sobre o qual se inscreve mais facilmente a Palavra de Deus. Na alvorada, começa o novo dia. O coração não está ainda sobrecarregado com as preocupações e se deixa fascinar pelas mensagens de um Deus que quis falar com as suas criaturas e manifestar-se a elas. Lembremo-nos de que o tempo é uma dimensão interior, não uma realidade separada. Depende, portanto da nossa disposição de alma vivê-lo mais ou menos intensamente.

É importante a fidelidade ao tempo escolhido. Deixar para depois, pensar em diminuir ou deixar-se tentar pela pressa, são álibis que empobrecem um encontro com o divino. Aquele encontro inefável que marca todo o nosso dia.

No silêncio

Para que Deus fale é necessário que todo o resto se cale. O Mestre está aqui e te chama.

Não basta o silêncio externo, é necessário criar uma área silenciosa na alma. Para ouvir a voz devemos fazer calar as outras vozes, para escutar a Palavra devemos baixar o tom das palavras. Foi dito que o silêncio é o noviciado da oração. Todas as preocupações ficam sendo a música de fundo, não podem ser canceladas, mas da Palavra recebem luz, esperança de solução. Pouco a pouco, criando um clima de interioridade habitada, permanecemos à espera do Verbo, que veio no silêncio da noite trazer a boa notícia que plasma a vida.

Também Maria Domingas...

A propósito das linhas bíblicas no epistolário de Maria Mazzarello, Ir. Maria Pia Giudici escreve: «Num bom pão caseiro o fermento não aparece, porém, é a razão pela qual o pão é aquilo que deve ser: um alimento genuíno que nutre e faz crescer. Assim é a

Palavra de Deus nas cartas de Maria Mazzarello». Algo vital, assimilado, ainda que no seu tempo a Bíblia não fosse um livro facilmente acessível.

Por que a *lectio*?

Na formação para a vida religiosa, falou-se sempre de meditação e todas nós, desde os primeiros anos, aprendemos a fazê-la também em textos nem sempre bíblicos.

O Concílio, levou-nos à descoberta da Palavra de Deus como dom para todos os fiéis. Em particular fez-nos descobrir o método da *lectio* divina, que:

- **é mais que leitura**, termo muito superficial;
- **é menos que estudo**, termo muito intelectual;
- **é diferente da meditação**, termo, às vezes, muito pietista e voluntarista”.

Lectio divina significa **Palavra rezada**, o tipo de aproximação da Bíblia, que nos faz encontrar Cristo.

“Ao aproximarmo-nos da Sagrada Escritura não devemos na verdade buscar a manifestação de uma idéia ou um aumento de conhecimento, mas um compromisso entre nós e Deus, entre aquele que nos fala e nós que escutamos; devemos, isto sim, aproximarmo-nos para estabelecer uma aliança”.

m.curti@cgfma.org

O EVANGELHO



NA VIDA

Como exemplificação de lectio divina, isto é, de uma Palavra que entra na vida, nesta rubrica referimo-nos a uma homília de Ângelo Casati, pároco em Milão.

Os verbos intrigantes de uma narrativa

«Os seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando ele completou doze anos, subiram de novo conforme o costume; mas transcorridos os dias da festa, enquanto retomavam o caminho de volta, o menino Jesus permanece em Jerusalém, sem que os pais o percebam. Certos de que estava na caravana, fizeram um dia de viagem, e depois puseram-se a procurá-lo entre os parentes e os conhecidos; não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém, em busca dele». (Lucas 2, 41-45)

A família de Nazaré

Todo ano na liturgia nos é proposta a passagem de Lucas, o texto da perda e do reencontro. Talvez alguém sugerisse fazer uma troca, porque, não é que a família, no final desta passagem “faça uma bela figura”: um pai, uma mãe que perdem o filhinho, e depois as respostas do garoto um tanto quanto impertinentes, segundo os nossos esquemas. Uma família muito distante do colorido das imagenzinhas e felizmente, por graça, muito próxima às cores da vida. E então podemos nos espelhar e confrontar.

Vós me perdoareis, se lendo ainda uma vez, com o risco de ser parcial, permiti-me pesquisar um pouco os verbos desta narrativa.

Subir - O primeiro verbo que exerce sobre mim uma certa sedução é o verbo "subir".

Tendo subido segundo o costume para a festa em Jerusalém...". Certamente o verbo registra uma subida material: a cidade está no alto, e os peregrinos considerando a cidade, a cidade santa, entoavam os salmos da ascensão, da subida.

Mas este verbo é intrigante, porque, junto com o desejo físico de subir, evoca o desejo espiritual de subir. E penso seja este o desejo que impelia Maria e José a colocar-se em movimento para Jerusalém, e penso seja este o desejo que o domingo suscita em cada um de nós, em nossas famílias, para mover-nos em direção à santa Ceia, que aqui é celebrada. Um desejo de subir! De ir mais para o alto e de olhar a vida do alto, de cima, assim como Deus a vê. Deixando para trás o contágio das nossas mesquinhas visões, das nossas brigas de quintal, das nossas operações de curto fôlego. Subir para respirar. Respirar alguma coisa de diferente, alguma coisa de grande. Respirar Deus.

Voltar - E "voltam". Outro verbo da narrativa. Fazem retorno. E eu penso que tenham rezado bem, Maria e José e também aquele filho! Pois, não era um ato improvisado o seu, havia uma continuidade. "Todo ano", está escrito. E talvez - é muito provável- sobre eles e sobre todos os peregrinos, o sacerdote terá estendido os braços numa bênção: "Deus volte para vós", terá dito, "a sua face, faça resplandecer sobre vós a sua face e vos dê a paz".

E o que sucede naquela viagem de retorno, todos sabemos. Embora tenham sido abençoados. Isto para significar que o fato de ter subido não te coloca ao abrigo! A vida é a vida. E dias de perturbação, de tempestade não te são subtraídos.

Procurar - Um outro verbo: eles vão "procurar" aquele filho. Também este é um verbo importante em nossa vida: procurar. A vida como busca. E o que torna ainda mais importante o verbo é aquilo que procuras. Se estás à procura de coisas ou de pessoas. Mais de coisas ou mais de pessoas? Porque procurar pessoas é o máximo. Mas também a propósito de procurar, e de procurar pessoas, sucede um fato desconcertante: mas aquele filho, eles o conheciam ou não? Como é possível que, por dias, o procurem em lugares errados? Família de santos! Pois bem, o mistério do outro excede, excede sempre, está além, está lá onde, numa primeira tentativa de busca, não o imaginarias. É para procurar e respeitar. E encontram Jesus parado. Eles se moviam apressadamente. Enquanto Ele lá está parado, dentro, dentro do templo e, melhor ainda, dentro de um lugar mais interior, no qual deve permanecer: "Não sabíeis que devo ocupar-me das coisas de meu Pai?".

É isto, (estou dizendo uma coisa que parece óbvia, mas é revolucionária), é isto que define se estamos "dentro" ou se estamos "fora". Se estamos ou não nas coisas de Deus, na vontade de Deus.

Descer - O último verbo desta minha reflexão – é um aceno. A nossa tradução diz: "Voltou com eles para Nazaré". O texto grego diz: "Desceu com eles para Nazaré". É a descida da encarnação. Descer à profundidade da humanidade significa também descer até o limite do que é humano. Os teus pais não são perfeitos. Nem Maria nem José o eram. Desceu com eles. Amar o outro como é. Amá-lo também com os seus limites e as suas imperfeições. Se não, não é amor. É, sim, amar fantasmas, os nossos fantasmas. Este filho, este Filho de Deus, ensina. Ensina também com o seu descer.

Ângelo Casati

DIÁLOGO

Testemunhas de reconciliação

Bruna Grassini

Taizé, casa do diálogo.

“Uma formidável pergunta de amor” sem limites e sem cálculos, sem atenuações da verdade, sem discriminações. A Igreja deve estar pronta para sustentar o diálogo com todos os homens de boa vontade, porque nenhum é estranho ao seu coração, nenhum lhe é inimigo.

Aludimos aos filhos dignos do nosso respeito: ao povo hebraico, nossos irmãos maiores na fé. Aos fiéis muçulmanos e aos crentes de diversas religiões, merecedores de estima porquanto, no seu culto a Deus existe o que é verdadeiro e bom”.

Paulo VI

Agosto de 1940. Irmão Roger tem vinte e cinco anos. Chega a Taizé, sozinho, depois de haver superado a longa enfermidade que o havia atingido com a idade de dezesseis anos. Uma tuberculose pulmonar, com diversas recaídas. Isto lhe permitiu ler muito, rezar e descobrir a sua vocação.

“Aqueles anos de minha doença, escreve, permitiram-me compreender que a fonte da felicidade não está no possuir muitos bens ou em ser alguém para quem tudo resulta fácil, mas no humilde dom de si para compreender os outros com a bondade do coração”.

São os anos da guerra: acolhe os refugiados em particular hebreus. Sonha criar uma comunidade que seja como uma “parábola de comunhão”.

Depois de dois anos encontra os primeiros irmãos que querem viver com ele. Hoje superam, de muito, centenas de pessoas espalhadas em vinte e cinco nações do mundo. Fazem promessa de pobreza, acolhida; vivem em pequenas fraternidades.

São um símbolo autêntico para milhares de jovens. Rezam, trabalham, cultivam valores de paz, de solidariedade, como testemunhas da “unidade” no Senhor.

Enquanto isso as consequências da guerra vão se tornando sempre mais pesadas. São muitos os fugitivos que alcançam a pequena comunidade de Taizé; outros são prisioneiros em dois campos de concentração alemães. A guerra faz muitos órfãos e Irmão Roger pede ajuda à sua irmã Genoveva para ficar com as crianças.

O segredo da acolhida de tanta gente proveniente do mundo inteiro é uma mensagem cristã essencial, evangélica, de fé e esperança, de paixão pela igreja.

Os jovens que chegam a Taizé encontram a paz do coração. A paz em cada um tem uma ressonância não só em si mesmos, mas também nos outros.

Escreve Irmão Roger: “Frequentemente os jovens me dizem: ‘Não sei rezar’. Queria responder a todos: Se em ti há o humilde desejo de amar a Deus, o simples desejo de Deus é já o início da fé”.

Uma vocação ecumênica

1958. O cardeal Gerlier, arcebispo de Lião, apresenta Irmão Roger ao Papa João XXIII.

Um encontro decisivo que assinala uma reviravolta no futuro da história de Taizé. O “Papa Bom” convida-o a participar do Concílio Vaticano II. A partir de então muitos jovens de nacionalidades e religiões diferentes começam a passar alguns dias na colina.

“Desde o primeiro encontro, escreve Irmão Roger, tivemos a certeza de ser amados, compreendidos. João XXIII marcou-nos com um sinal indelével. Através dele saímos da solidão e uma primavera entrou em nossas comunidades. Sem perceber, o Papa havia levantado para nós o véu sobre uma parte do mistério da igreja”.

Azish é um jovem hindu: um vulcão de idéias. De generosidade. Sabendo que Irmão Roger havia chegado a Calcutá procurou-o por quinze dias. Pede apenas uma palavra para o seu coração. E o “pai” lhe entrega a PALAVRA: “Amo-te com um amor que não acaba”. É a mensagem a ser levada a todos, especialmente aos distantes, aos mais solitários.

Catedral de Viena. Os jovens acolhem Irmão Roger na vigília de uma longa viagem que o levará à China. Com ele os jovens pedem a Deus paz e fraternidade para todos os povos. No deserto do coração do mundo há uma pergunta não expressa: “Como superar as divisões, as incompreensões para consolidar liames de amizade entre cristãos e muçulmanos unidos pela fé no Deus único de Abraão? É muito alto o muro que separa o Oriente do Ocidente, o mundo cristão do mundo islâmico, o Norte e o Sul do mundo”.

O caminho ecumênico é feito de paciência, de caridade: é confiante, requer o testemunho humilde de uma Igreja unida, orante, visivelmente acolhedora.

O caminho ainda é longo, mas urge “acelerar” o passo. “O que conta, dizia uma jovem irmã de clausura, é a viagem, não a chegada. O caminho torna-se experiência de vida. É preciso olhar-se nos olhos”.

Cristo chega para todos, escreveu Edith Stein, antes de morrer no campo de Auschwitz.

Na encruzilhada de uma civilização que avança em nossa direção os cristãos se encontram sem defesa, fragilizados porque divididos. Devemos reencontrar a unidade para que a vida de Deus se irradie no mundo.

Na esplanada de Marienfeld, em agosto de 2005, jovens procedentes de todo mundo cantam com o Papa Bento XVI os cantos de Taizé. Melodias simples, mantras que na repetição guardam um segredo: são uma maneira de escutar Deus.

grassini@libero.it

O FIO DE ARIADNE

O otimismo: pode-se aprender?

Maria Rossi

Sob um estilo de otimismo¹ e de alegria que caracteriza as comunidades das Filhas de Maria Auxiliadora, ultimamente parece estar se infiltrando uma certa tendência ao pessimismo. E isto, sobretudo a respeito do futuro. Os motivos, tanto externos quanto internos ao Instituto, não faltam.

Os meios de comunicação apresentam, quase cotidianamente, situações de guerras, guerrilhas e atentados, exploração das crianças, das mulheres, da terra e poluição

atmosférica, corrupção dos políticos, experiências indevidas com embriões e com a vida humana, assaltos, suicídios, homicídios...

No Instituto faz-se muito para contestar estas correntes destrutivas e para dar respostas positivas às problemáticas emergentes. Não faltam, todavia, algumas tendências que se prestam a uma leitura pessimista, como os numerosos falecimentos de irmãs e algumas desistências que incidem na diminuição numérica; o avanço da idade das irmãs que leva a aumentar as casas de repouso e a reduzir as que estão em atividade, a adaptar ambientes, iniciativas, ritmos de trabalho, a ocupar tempos na assistência às irmãs em dificuldade.

O abandono das casas em atividade com a passagem para gestões laicais é vivido com uma longa seqüela de sofrimento. O cuidado com as irmãs idosas e doentes é sentido às vezes como um tempo subtraído à atividade educativa e, portanto, não conforme o carisma. Para as irmãs jovens não é fácil viver com entusiasmo e conter um passo que queria ser veloz. Para aquelas que têm o peso da autoridade, conciliar as necessidades de umas e de outras e manter em alto nível o empenho educativo que se torna sempre mais exigente e que constitui o carisma do Instituto, é um trabalho nada fácil. Alguém, observando a situação, sobretudo em alguns países, sacode a cabeça e repete em forma de ladainha um tanto pessimista: "E vai ser cada vez pior!".

O empenho cotidiano da missão educativa torna-se sempre mais trabalhoso. As meninas obedientes, respeitadas, estudiosas, agradecidas, amantes da casa, são sempre mais raras. Assim também, as famílias unidas, instituídas no sacramento do matrimônio e colaboradoras, estão se tornando mais a exceção do que a regra.

Diante de um quadro deste tipo, é possível cultivar um pensamento positivo, ser realmente otimista?

Entre otimismo e pessimismo

A vida reserva a todos, indistintamente, adversidades e tragédias, mas nem todos, diante de tais eventos, reagem do mesmo modo. Os pessimistas, com uma imagem sombria de si mesmos, do futuro e do mundo, tendem a interpretações trágicas e catastróficas, sentem-se impotentes, tendem a desistir e a ceder passivamente. Os otimistas, ao invés, tendem a tornar relativos os tempos e os espaços do negativo, a colher os aspectos positivos presentes em cada evento, a não deixar-se invadir pela angústia que imobiliza, a despertar a criatividade e a industrializar-se para reparar ou melhorar a situação.

Estamos no Cemitério Maior de Pádua, diante de numerosas sepulturas das irmãs de vários Institutos mortas nos últimos anos. Uma irmã disse: "Veja que matança! Daqui a pouco não haverá mais irmãs". A outra observa: "Quantas irmãs celebraram neste ano a sua fidelidade a Deus e a si mesmas". Em comunidade, observando uma irmã andar lentamente apoiada na bengala, uma disse com angústia: "Somos precisamente uma comunidade de velhas". E a outra: "Sim, é verdade, mas muitas sustentam ainda com dignidade e competência setores importantes. E, além disso, há também algumas irmãs jovens".

Mas, por que algumas pessoas acentuam quase sempre os aspectos trágicos e negativos e outras colhem e evidenciam os positivos?

Algumas teorias psicológicas que um tempo tiveram muito sucesso, como o comportamentismo skinneriano e a psicanálise freudiana, têm tentado explicar o fenômeno por meio de diversos mecanismos de condicionamento. Atualmente, se bem

que em parte superadas por estudos posteriores, impregnam ainda a cultura, o modo de pensar ocidental. Acontece com frequência que se atribua o modo de agir de um indivíduo ou ao ambiente no qual viveu, ou a carências afetivas e conflitos da infância não resolvidos, ou à hereditariedade. Sob este tipo de atribuições domina a idéia de que se a pessoa é intratável, agressiva, incapaz, é porque sofreu algum desses condicionamentos e, portanto, não pode mudar. E quem se acredita fruto de condicionamentos, sentindo-se impotente, nada fará, demonstrando assim a veracidade da teoria.

Uma família que eu conheço atribuía o comportamento caprichoso da filha já grande (dez anos) ao fato de ter nascido prematura e de ter ficado durante um mês na incubadora. A filha, acreditando ser assim pelo mesmo motivo e sentindo-se criticada, mas também justificada, nada fazia para melhorar o seu comportamento já inadequado. A gradual convicção, por parte dos pais e da filha, de que a incubadora não determinava o comportamento e que isto podia ser mudado colocando em ato algumas estratégias e um certo esforço, levou-os a superar o álibi da incubadora e a assumir comportamentos adequados. Mudando o pensamento como intitula o autor citado no início e ao qual faço referência, pode-se mudar a vida. A pessoa pessimista, acreditando ser totalmente condicionada e, portanto impotente, cede às lamúrias e não realiza nenhuma mudança. A pessoa otimista sabe-se condicionada pelo ambiente, pela vivência passada, pelas realizações, mas acreditando e sentindo não ser isto um absoluto nem algo apenas negativo, põe em ato adequadas estratégias para superar o obstáculo ou para melhorar a situação já positiva. Geralmente, quem se sente responsável pela sua vida e pelo seu futuro e não um fantoche fruto do ambiente ou do acaso, sente-se melhor fisicamente, tem maior sucesso e satisfação no trabalho, nas relações e também no esporte.

Aprender a ser otimista

O otimismo pode ser aprendido e cultivado em qualquer idade. Não nasce como um fungo da noite para o dia. Requer algumas atenções e um certo empenho. Levando-se em conta o bem-estar que traz consigo, mesmo se uma pessoa se acredita pessimista por natureza, pode tentar o empreendimento.

O estilo de vida pessimista pode-se reconhecer pelo hábito de pensar os eventos negativos em termos de *sempre* e *nunca*. Uma irmã diz à amiga: A chefe da minha repartição repreende-me *sempre*. *Nunca* consigo contentá-la". E uma outra: "A nossa comunidade vai piorando *sempre*. As irmãs *nunca* são pontuais".

A pessoa otimista usa de preferência os termos *alguma vez*, *ultimamente*, *quando está cansada*, não totalizando o tempo, mas vendo-o de modo relativo. Em vez de: "*nunca* me cumprimentas", diz à amiga: "*Ultimamente* passas por mim e não me cumprimentas. Talvez estejas cansada e preocupada". Ou "A chefe da minha repartição *quando está cansada* gosta de repreender-me. *Às vezes* não é fácil contentá-la".

O comportamento das pessoas dificilmente é avaliável em termos de *sempre* e de *nunca*. Também as mais otimistas têm momentos de angústia, de desconforto, de pessimismo. Saber *relativizar*, além de corresponder melhor à realidade, torna a vida mais serena e vivível. Se, levando em frente, conseguirmos colher as situações e os momentos em que nos tornamos - nós e os outros - menos sociáveis, tristes, agressivos, criando mal-estar e aborrecimento, poderemos prevenir ou gerir melhor o problema.

O pessimista, além de dar respostas que totalizam o tempo, *sempre* e *nunca*, tende também a invadir, isto é, a totalizar o espaço. Diante de uma resposta errada que reduz a possibilidade de progredir na carreira, diz com angústia: "Sou um fracasso total, um

imbecil". O otimista, ao invés, pensa: "Dei uma resposta estúpida, ficarei mais atento na próxima vez". A estupidez é assim atribuída à resposta errada, não à pessoa.

As respostas que persistem no negativo são muito perigosas se usadas no âmbito educativo ou também contra si mesmos. Não é difícil ouvir um professor que, depois de haver se desdobrado em explicações e exercícios, encontrando ainda erros no dever do aluno, diga: "Você é um ignorante. Não sabe nada". Um professor, precisamente por ser tal, deve evidenciar e corrigir os erros dos alunos, mas, pode fazê-lo sem persistência. Pode sempre dizer: "Você fez três erros crassos", não: "Você é um imbecil ou é um ignorante". E também: "No que diz respeito às competições esportivas, você não rende muito, mas nas outras matérias é um campeão". Assim também um professor que esquece uma coisa importante durante a explicação, pode sempre dizer: "Devo confrontar melhor as fontes para a próxima vez". E não: "Não tenho mesmo memória. Não valho mais nada. Não me adaptei ao ensino".

O jovem que escuta muitas vezes dizer: "Você é um ignorante", pode convencer-se de o ser realmente e de não esforçar-se para render o quanto poderia. Felizmente, além daqueles que, acreditando, cedem aos condicionamentos, há também os que, terminada a escola, desafiando-se também a si mesmos, conseguem expressar com sucesso os talentos até então sepultados. Einstein é um exemplo clássico.

É necessário não confundir com otimismo aquele modo superficial de agir que desconsidera as dificuldades e o negativo pelo que tudo vai sempre bem. Uma pitada de pessimismo, sobretudo quando estão em jogo escolhas que comprometem as pessoas ou que interferem em situações complexas, pode servir para atenuar um otimismo excessivo e restituir atenção e prudência. Cultivar um otimismo sábio e prudente, para além de um ideal humano, ajuda a tornar a vida das comunidades mais serenas e vivíveis e facilita o empenho de manifestar ao mundo "o amor proveniente do Pai".

rossi_maria@libero.it

¹ Quem deseja saber mais sobre o assunto pode fazer referência ao interessante livro de SELIGMAN E. P. Martin, *Learned optimism. How to change your mind and your life*, Pocker Books, New York, 1990. A tradução italiana de 1996 e 2005 é da Editora Giunti di Firenze com o título: *Imparare l'ottimismo. Come cambiare la vita cambiando il pensiero*. Neste livro encontram-se também questionários e exercícios para avaliar o próprio otimismo e pessimismo.

ENCARTE CENTRAL – 25 anos: Projeto África

Moçambique (MOZ)

A inspetoria "São João Bosco" de Moçambique foi erigida canonicamente em 24 de janeiro de 1992. As primeiras irmãs chegaram em 1952 e assumiram internatos, escolas primárias e secundárias, a formação das jovens para o matrimônio, centros de saúde e atividades pastorais.

As primeiras casas no início pertenciam à Espanha e depois a Portugal.

Com a independência de Moçambique em 1975, a presença das FMA tornou-se uma Delegação dependente diretamente do Centro; em 1984 tornou-se Visitadoria e depois Inspetoria, em 1992, agrupando as casas de Moçambique e as de Angola da qual se separou em janeiro de 2004.

AS FMA

Atualmente as irmãs presentes em 10 comunidades são 52, 24 missionárias, 28 moçambicanas e 4 noviças.

AS PRINCIPAIS OBRAS:

As irmãs prestam o seu serviço em várias áreas. Trabalham na educação integral das crianças e dos jovens das comunidades mais necessitadas, nos jardins de infância, escola primária, secundária, pré-universitária, escola profissional e nos internatos.

Acolhem e ajudam as crianças em situação de risco, no desenvolvimento de suas capacidades favorecendo cursos básicos de higiene, puericultura, arte culinária, alfabetização e outros.

Promovem ações culturais e esportivas, atuam estratégias para integrar na família, na sociedade e no trabalho, as crianças e os meninos de rua.

NOSSAS PRESENÇAS

Chiúre – Casa Maria Mazzarello

Escola infantil, alfabetização de adultos, aula na escola do estado, biblioteca aberta ao público.

Pemba – Casa Maria Auxiliadora

Seis escolas infantis, centro de alfabetização e formação, direção da escola primária diocesana.

Nampula – Casa Ir. Eusébia Palomino

Residência para estudantes universitários, alfabetização de adultos, escola infantil, colaboração na universidade pública e católica, catequese e pastoral juvenil, acolhida das jovens vocacionadas.

Moatize – Casa Vera Occhiena

Direção do hospital distrital, cuidado com as crianças sub-nutridas, ensino profissional na escola particular, acolhida dos jovens estudantes, animação do tempo livre.

Inharrime – Casa Laura Vicuña

Acolhida das crianças em risco, escola de alfabetização para adultos, escola secundária.

Maputo – Casa São João Bosco

Atividades inspetoriais, acolhida das irmãs de passagem, apoio ao seminário de teologia, catequese paroquial, acolhida das irmãs estudantes.

Maputo Jardim – Casa Madre Rosetta Marchese

Duas escolas infantis, escola de alfabetização, direção da escola e do centro profissional Dom Bosco, escola primária feminina, escola secundária feminina, escola pré-universitária feminina.

Maputo Infulene

Internato e atividades promocionais para os meninos de rua, escola elementar, oratório e catequese paroquial.

Namaacha - Colégio Maria Auxiliadora

Escola infantil, educação primária completa, escola secundária, cursos profissionais, educação para o tempo livre.

Namaacha – Casa São João Bosco – Noviciado

Formação das FMA, assistência à comunidade Macuacua, Pastoral juvenil.

Se queres chegar primeiro, corre sozinho. Se queres chegar mais longe, caminha junto. (Provérbio Africano)

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Por uma solidariedade eficaz

Mara Borsi

A crescente consciência do sofrimento de pessoas e de povos obrigados a viver na miséria, não obstante os grandes progressos da ciência e da técnica, move o Instituto a coordenar com transparência o serviço ao desenvolvimento integral e solidário da vida humana.

A rubrica tenciona explorar a realidade da cooperação internacional e ao mesmo tempo apresentar alguns projetos realizados nos diversos continentes pela Comunidade FMA empenhada em tornar concreta a solidariedade.

Em poucos anos a realidade da cooperação para o desenvolvimento no Instituto cresceu notavelmente e motivou a elaboração do documento *Cooperação ao desenvolvimento. Orientações para o Instituto das FMA*. O texto, recentemente publicado em diversas línguas, reafirmou que a educação é a chave do desenvolvimento da pessoa e dos povos e renovou a dedicação das comunidades FMA aos mais pobres, o compromisso com a justiça e a valorização das culturas.

Em sintonia com o caminho da Igreja e da vida religiosa, sempre mais caracterizado pela dimensão da justiça e da paz, o Instituto promove redes de solidariedade entre as comunidades educativas, a Família Salesiana e as outras forças educativas do território para restituir dignidade e esperança às gerações jovens, em particular às crianças e às mulheres jovens.

A cooperação e a solidariedade internacionais colocam-se hoje como o papel de tornassol daquela que poderíamos definir como a justiça internacional.

Em confronto com o atual modelo de desenvolvimento, que polariza sempre mais a riqueza nas mãos de poucas pessoas, o Instituto propõe uma visão de cooperação ao

desenvolvimento que se inscreva na ótica de uma antropologia solidária inspirada no humanismo cristão e no magistério social da Igreja.

A Madre, durante a apresentação oficial do documento, afirmou que o critério inspirador do nosso agir neste âmbito é o amor de Cristo, que confere humildade e ao mesmo tempo audácia para o serviço, que previne a tentação de cair em ideologias totalizantes ou de refugiar-se na inércia porque as nossas forças são ímpares na proporção das necessidades e às causas que as alimentam.

As diversas facetas do compromisso

No Instituto existe uma realidade rica e diversificada. Em todos os continentes estão presentes:

- *organismos não governamentais (ONG), fundações, associações e cooperativas* que de vários modos se ocupam da promoção para o desenvolvimento por meio de *projetos de cooperação internacional* em diversos âmbitos;
- *microprojetos de desenvolvimento* que sustentam *microeconomias*, sobretudo na Ásia, África e América Latina, ligadas, frequentemente, a escolas profissionais, a grupos de mulheres, a famílias; em alguns lugares estão se transformando em pré-cooperativas ou cooperativas formalmente constituídas;
- *experiências de microcrédito; respostas às emergências.*

A atenção das comunidades FMA empenhadas neste campo é a de atuar escolhas e decisões que salvaguardem o respeito aos direitos de cada pessoa, em qualquer parte do mundo em que habite. Daí surgem o cuidado e a defesa dos bens comuns, não privatizáveis, não disponíveis para o grande mercado global, como vêm sendo definidos. Água, alimentação, educação, saúde e liberdade de expressão são um direito de todos.

A pessoa no centro

Nestes últimos anos emergiu no Instituto, em base a numerosas experiências, a consciência de que a cooperação para o desenvolvimento pode se tornar o ponto de partida para uma mudança global da política, da economia e da cultura se souber estar atenta às pessoas mais que às estruturas e às infra-estruturas.

Padre Louis Lebret, um dos inspiradores da encíclica *Populorum Progressio*, durante um jantar com políticos, banqueiros e empresários pediu-lhes uma definição de desenvolvimento. As respostas se estenderam da renda per capita, ao número dos leitos nos hospitais, dos quilômetros de estrada asfaltada por habitante, ao capital investido em infra-estruturas. No final do diálogo, Padre Lebret disse: "Desenvolvimento é garantir a felicidade às pessoas".

A diversificada realidade na qual se expressa o compromisso das comunidades educativas com a cooperação é sinal do amor preveniente que quer oferecer, às jovens e aos jovens mais empobrecidos, condições de crescimento humano que alarguem os horizontes da esperança.

Os pobres, os excluídos das oportunidades sociais não são "um problema", mas pessoas capazes de construir para si mesmas e para os outros um futuro novo e mais humano.

Uma jovem irmã africana escreve: «Quando vejo com quanta determinação os jovens africanos enfrentam a morte para chegar à Europa, vem-me ao pensamento que o compromisso com a micro-economia, com o micro-crédito seja vão. A partida deles é um modo de lutar. Lutar para sobreviver, para poder sonhar. Partir para muitos jovens tem se tornado um projeto de vida. Não é fácil deter quem está disposto também a morrer. Um

provérbio africano diz: “Quando as formigas entram em acordo deslocam o elefante”. Somos como pequenas formigas, chamadas a construir a história do nosso mundo. Jamais se está só quando se alimenta um sonho a ser realizado».

Através do documento *Cooperação para o desenvolvimento* o Instituto tenciona orientar as comunidades educativas a reconhecer os instrumentos e as possibilidades para contribuir, nem que seja minimamente, na construção de uma história um pouco mais justa. Um pouco mais humana.

maraborsi@tiscali.it

DIREITOS HUMANOS & VIDA CONSAGRADA

Tira o meu povo do Egito (Ex 3, 7-10)

Julia Arciniegas

Hoje, como nos tempos de Moisés, Deus escuta o grito dos oprimidos, das vítimas das novas escravidões. Para libertá-los escolhe e envia homens e mulheres que, segundo uma multiplicidade de carismas, dedicam-se radicalmente à causa do seu Reino. Da paixão por Deus brota o zelo pelos direitos humanos.

Moisés, pastor e profeta, amigo de Deus, fala com Ele face a face. Em defesa do oprimido contra o opressor, Moisés passa por uma profunda crise espiritual: a injustiça e a exploração que sofre o seu povo não se apagam de sua memória. A esta altura, Deus o chama e lhe revela o próprio nome, fazendo-o compreender, de uma vez por todas, que está perto do homem para salvá-lo.

Então Moisés aceita com humildade e com fé inquebrantável o difícil dever de libertar o seu povo.

Um grito que sobe até Deus

“Os Israelitas gemeram sob o peso da escravidão e o seu clamor subiu até Deus. Então Deus escutou o seu lamento, recordou-se de sua Aliança...”

Deus “observa” a opressão que pesa sobre o seu povo, “ouve” o seu grito e toma conhecimento do sofrimento dos seus que vivem na pobreza e na humilhação. Por isso “desce” e entra na sua história de dor para intervir nela. Com tal escopo “escolhe”, “revela” o seu nome, “envia”, “acompanha”, “sustenta”. “Eu estarei contigo”.

Deus não é um ser insensível às necessidades dos homens e das mulheres de todos os tempos: constantemente suscita pessoas que, com amor, assumem a causa daqueles que são esmagados pelas dificuldades da vida. Deus não tolera que a sua *imagem* seja profanada pela opressão, que os direitos humanos sejam violados impunemente.

Paixão por Deus, paixão pela humanidade

O tema do Congresso da VC (2004) ainda está vivo não só no coração daqueles que participaram, mas, sobretudo no compromisso que impele tantas pessoas consagradas a assumir, em fronteiras novas e antigas, os deserdados da história. Quanto mais profunda é a comunhão com Deus, tanto maior é a dedicação à causa de seu Reino. Por isso, desde o início do seu ministério profético, Jesus revela a sua missão: *anunciar a boa notícia aos pobres, proclamar aos prisioneiros a libertação, aos cegos a vista, devolver a liberdade aos oprimidos...* (cf Lc 4, 14-21). Nas suas palavras, nas suas obras está presente a força de Deus que quer salvar os homens, que vem para salvá-los. Entrando no drama de tantas misérias, Jesus se inclina sobre todas as criaturas, a começar das mais necessitadas e pobres de amor. Aponta para onde se encontram a liberdade e a dignidade da pessoa: não no possuir, mas no ser imagem de Deus (cf PF 21).

Portanto, a missão dos que são chamados/as a seguir Jesus mais de perto é um serviço à dignidade da pessoa numa sociedade desumanizada, visto que, a primeira e mais grave pobreza do nosso tempo é violar com indiferença os direitos humanos. Estes, com o dinamismo do amor, do perdão e da reconciliação são usados para construir na justiça um mundo que ofereça novas e melhores possibilidades à vida e ao desenvolvimento das pessoas e dos povos.

Para que esta missão se realize em sintonia com o estilo inaugurado por Jesus ocorre ter espírito de pobre, purificado dos interesses egoístas, pronto para exercer um serviço de paz e de não-violência, com postura solidária e plena de compaixão pelo sofrimento dos outros (cfr RdC, 35). Ocorre uma nova fantasia da caridade (NMI, 50), radicada na contemplação, na leitura fiel da realidade, para poder ajudar os pobres e os empobrecidos a conseguirem o reconhecimento, de fato, dos direitos humanos.

É esta a experiência de tantos consagrados e consagradas que deixam as seguranças do *já conhecido* para ir em busca de ocupações e ambientes que lhe são desconhecidos; com a coragem do amor e da confiança no Senhor da vida são livres para intervir onde existem situações críticas, como demonstram as recentes fundações nos Países que apresentam particulares desafios. Estão se espalhando assim exemplos e experiências de comunidades fraternas e solidárias, que rezam e são audazes, constantes no bem e vigilantes na compaixão, proféticas nas iniciativas e alegres na esperança (cf RdC, 36; VC, 108). Um dos objetivos desta rubrica é evidenciar, à luz da Palavra de Deus, o rosto de uma vida consagrada samaritana e compartilhar as possibilidades concretas que nós, FMA, temos para fazer sentir hoje a nossa voz na defesa dos direitos da pessoa humana, dos pobres, particularmente dos jovens. A profecia do carisma nos impele a colocar-nos em rede com os grupos da Família salesiana, com outros Institutos religiosos e organismos intercongregacionais para oferecer respostas significativas.

Depois de um quarto de século passado na assistência aos condenados à morte, Irmã Helen Prejean está ainda mais convencida de que somente o encontro com as pessoas "prontas" para as execuções muda o coração: «Enquanto forem julgadas como monstros, a pena de morte continuará. Mas se se entra no corredor da morte e se encontram aqueles homens e aquelas mulheres, então se compreende que não é mais possível deixar que um Estado mate os seus cidadãos». Quando se pergunta a ela o porquê do seu empenho no corredor da morte, Irmã Helen, do Instituto Sisters of St. Joseph of Medaille, caminha no tempo com a memória: «Era dia 5 de abril de 1984; depois da execução de Patrick Sonnier (o encarcerado personalizado por Sean Penn no filme Dead man walking) nasce a minha missão: mostrar aos condenados um rosto de Amor, explicando a todo mundo que também os assassinos são pessoas e que por isso a pena de morte está errada. O núcleo do meu compromisso é que todas as questões ligadas à vida estão coligadas, no fundo encontra-se a dignidade da pessoa» (L'Avvenire, 19.09.07)

FOTO CLICK

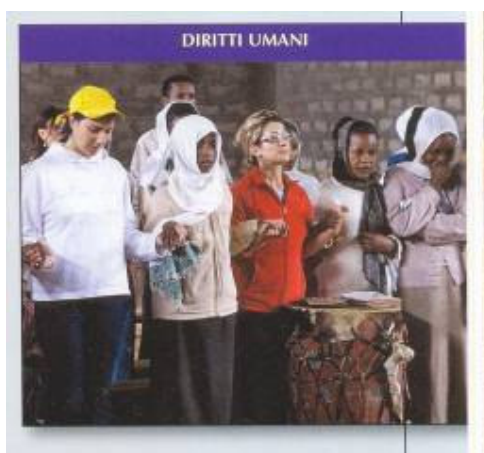
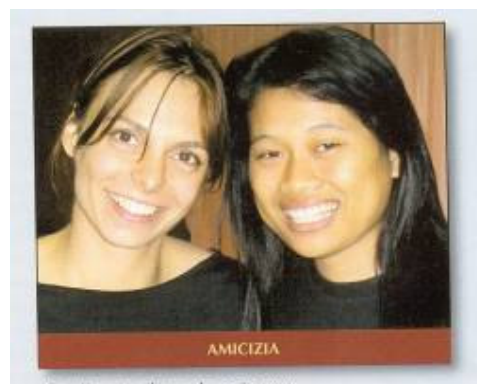
Esta rubrica quer ser um espaço de expressão para os jovens, através das fotografias e de algumas pequenas reflexões sobre as temáticas da *vida* e da *felicidade*, da *amizade*, dos *direitos humanos*.

Páginas como esta serão publicadas nos próximos números com as fotos de quem participa do concurso... a que agora publicamos é apenas um exemplo.



«Se queres um amigo cativa-me! É preciso ser muito paciente. No começo tu te sentarás um pouco longe de mim, assim, sobre a relva. Eu te olharei com o rabo do olho e tu não dirás nada. As palavras são fontes de mal-entendidos. Mas a cada dia tu poderás sentar-te um pouco mais perto...» (*A. de Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe*)

«Como é vazio o mundo, se nele se nos apresentam apenas montanhas, rios e cidades! Mas saber que cá e lá existe alguém que está em harmonia conosco, com quem, mesmo em silêncio continuamos a viver, só isto transforma esta terra num jardim habitado»
(*Goethe*)



«Sempre soube que sou guiado e nos momentos de obscuridade dirigi-me a Deus para que me indicasse o caminho. Embora sendo uma pequena comunidade, estamos convencidos de possuir uma grande força, a força da pequena semente que tritura a rocha» (*Sha'rani*)



O sentido da política

Anna Rita Cristaino

A palavra *Polis* que denomina a nossa rubrica, deriva do grego e significa cidade. Termo escolhido para poder tratar de temáticas que nos dizem respeito como cidadãos que somos, dos nossos Países.

Partimos de uma pergunta sobre o sentido da política.

O termo política, que é “a arte de governar a sociedade”, parece ter perdido o seu significado mais profundo; com frequência vem sendo usado com acepções negativas. Mas a política reencontra o seu sentido quando está a serviço do bem comum, entendido este, não como a soma dos bens individuais, mas como «o conjunto daquelas condições da vida social que permitem tanto para a coletividade quanto para cada membro atingir a própria perfeição mais plenamente e mais rapidamente (...). A pessoa não pode encontrar realização apenas em si mesma e prescindir do seu ser “com” e “mais” os outros» (*Compêndio Doutrina Social da Igreja*, nº 164-165).

Portanto, o horizonte da política é a pessoa na sua integridade, na sua capacidade relacional e em tudo o que lhe permite viver com plena dignidade.

Como educadoras temos, também, responsabilidades junto a toda a comunidade cristã que é chamada a formar e a estimular para o compromisso sócio-político, contra o risco da indiferença.

João Paulo II, no convênio eclesial de Palermo em 1995, dizia que a Igreja não deve e não quer envolver-se com escolhas partidárias, mas que isto não significa renunciar à contribuição cultural e crítica dos católicos sobre os temas apreciados pela doutrina social da Igreja, como o respeito pela pessoa e pela vida humana, pela família, pela liberdade cultural, pela solidariedade, pela promoção da justiça e da paz. Na encíclica de Bento XVI *Deus Caritas est*, encontramos no nº 29 que é dever imediato dos fiéis leigos «agir por uma justa ordem na sociedade».

É importante, portanto, considerar o empenho sócio-político intrínseco à vocação cristã, porque tudo o que pertence ao ser humano interpela o cristão.

Como FMA somos chamadas a preservar o sentido profundo da política, como tem sido proposto pela doutrina social da Igreja. A ética da convivência e a busca do bem comum serão tanto mais sólidas quanto mais contarem com a formação, sobretudo de pessoas fortes no plano da sensibilidade ética. É importante sustentar os jovens na busca de uma razão para a sua existência no mundo e do sentido da vida social. A cultura dominante propõe aos jovens a exoneração das responsabilidades, mas este tipo de cidadania tende a preparar pessoas disponíveis apenas para a troca de mercadorias, para relações mediatas através do dinheiro, para um uso não correto do tempo, para um consumo triste da vida. O interesse pela política, ao invés, conchama os jovens a assumirem a responsabilidade do próprio tempo, dando uma direção, um estilo, um sentido para uma existência que não pode eximir-se do dom da gratuidade.

jovem.com

Second life. O teu mundo. A tua imaginação



Maria Antonia Chinello / Lucy Roces

***Um mundo tridimensional online imaginado,
criado e de propriedade dos seus habitantes.
Não um uma brincadeira repetitiva,
mas uma verdadeira e propriamente segunda vida em Rede.
Um mundo virtual semelhante ao real, onde se pode encontrar
trabalho para viver, estudar, sair para a cidade
com os amigos, ir ao shopping, freqüentar locais,
nadar em piscina e outras coisas mais.***

Os mundos virtuais não são uma novidade. Desde a infância, cada uma de nós teve os seus amigos imaginários e brincou de “fazer de conta...”. Hoje, a televisão nos permite fazer outras experiências de representações, para não falar dos vídeo-jogos, do cinema de ficção científica com suas “outras” dimensões... Eis porque *Second Life* não é totalmente novo.

Second Life (segunda vida, cuja abreviatura é SL) é um mundo virtual na Internet desenvolvido pelo *Linden Research, Inc* (conhecido também como *Linden Lab*) e lançado na Rede em 2003. A grande difusão, porém, acontece no final de 2006, início de 2007, quando o software *The Second Life Viewer* permite a interação entre usuários, para dialogar, participar individualmente e/ou em grupo de atividades e eventos, criar e trocar objetos e serviços. A partir daquele momento, *Second Life* se torna um imenso espaço social.

Em outubro de 2007, *Second Life* conta com 10.215.849 inscritos. O crescimento é estimado em 500 mil usuários por mês. A brincadeira transformou-se num sistema de comunicação para os negócios da vida real. Adidas, Nike, Mercedes Benz, IBM, Apple são apenas alguns dos nomes “importantes” que usam estrategicamente *Second Life* para a sua difusão. Também cidades e entidades públicas decidiram ancorar nesta realidade virtual: Milão, Assis, Nova York, Dublin, Londres. Como também, cerca de 125 escolas e universidades. Quem está interessado em compartilhar e em se comunicar a respeito de temas educativos pode inscrever-se nesta lista: <http://lists.secondlife.com/cgi-bin/mailman/listinfo/educators>.

Segundo os pesquisadores. *Second Life* tornar-se-á uma extensão dos atuais espaços web, integrando-se e, em muitos casos, superando sua potencialidade. Os meios de comunicação são os mesmos da vida real: revistas, manifestos, cartazes, painéis, organizações de eventos, além de todas as vantagens da virtualidade (baixos custos, resultados avaliáveis em tempo real).

Vida em *Second Life*

O que se faz em *Second Life*? Encontramos a resposta na *Guia para uma vida virtual* (<http://www.seconddlife.it>, a versão em língua italiana): "Pode-se estar no SL também sem ter um objetivo preciso. Não se colecionam pontos, não existem percursos obrigatórios, cada jogador estabelece por si mesmo a própria estratégia, espaçando do trabalho à poesia passando por qualquer coisa que lhe venha à mente, tudo é possível, ou quase. O dinheiro, mesmo se útil, não é necessário, não se morre, não se cansa, não se come nem se bebe. Os únicos limites são ditados pelo respeito aos outros jogadores. SL assemelha-se em muitos aspectos à vida real (RL) depende do que és capaz de fazer ou daquilo que queres dela. Podes visar à riqueza ou simplesmente a fazer turismo (custa seguramente menos que na RL). Enche a tua valise, visita lugares onde se encontram coisas grátis, faz amigos, aprende a mover-te, utiliza os gestos para enfatizar os discursos feitos em *chat*, busca aprender rápido como comunicar-te com os outros e como os outros comunicam-se entre si. Empenha-te, se tens vontade, em aprender os rudimentos para construir, para colorir e para programar!"

Por que DMA fala de *Second Life*? Porque acreditamos que também este é um recurso educativo a ser conhecido e freqüentado. Boa viagem conosco.

Diário a partir de *Second Life*

Finalmente, consegui. Eis-me no SL!!! Não foi difícil chegar: são suficientes um punhado de *cliques* e um pouco de atenção às instruções. Em primeiro lugar vá ao site oficial de *Second Life*: (<http://www.seconddlife.com>), clique em JOIN NOW para o registro.

1. O *First Name* refere-se ao nome do seu *avatar*, será a sua futura identidade (no jogo). O *Last Name* lhe é proposto, escolha um da lista.
2. Insira a sua data de nascimento. SL é muito rigorosa neste ponto. Se você é menor utilize *Teen SecondLife*.
3. Indique o seu e-mail.
4. Se todas as informações estiverem corretas, ser-lhe-ão propostos 12 tipos de avatar. Escolha o sexo do seu e a aparência inicial. Nada de definitivo: você pode sempre trocá-lo.
5. Indique o nome, sobrenome, sexo e nacionalidade.
6. Escolha uma senha.
7. Insira o código *antispam*.
8. Escolha o tipo de subscrição: *premium* ou *free*.
9. Estamos na resposta final. Receberá um e-mail com a confirmação da inscrição e o endereço web onde descarregar o programa.
10. Instale o programa e espere alguns segundos Verá esta *videata*. [...] Insira nome e senha. Clique em *connect*: ***Bem-vindos ao Novo Mundo!***

Ah, ia me esquecendo, eu me chamo Adelphie Pastorelli

mac@cqfma.org
Imroces@gmail.com

O PONTO

A semente da paz

Anna Rita Cristaino

Esta rubrica propõe-se apontar para alguns fatos da atualidade, de interesse geral. Iniciamos pela Paz. São muitos os eventos que nos solicitam.

Em primeiro lugar a jornada mundial pela paz há pouco tempo celebrada, com o tema *Família humana: comunidade de paz*, em que o Papa diz que cada povo é chamado a viver e a sentir-se parte da Família humana concebida por Deus como comunidade de paz.

Outro evento importante foi o encontro internacional *Por um mundo sem violência: religiões e culturas em diálogo* entre representantes de diversas religiões, realizada em outubro passado. Na mensagem de abertura deste evento, Bento XVI sustenta que: «No respeito às diferenças das várias religiões, todos somos chamados a trabalhar pela paz e a um empenho eficaz para promover a reconciliação entre os povos. Diante de um mundo dilacerado pelos conflitos, onde às vezes se justifica a violência em nome de Deus, é importante insistir que de forma alguma as religiões podem tornar-se veículos de ódio (...) Ao contrário, as religiões podem e devem oferecer preciosos recursos para construir uma humanidade pacífica, porque falam de paz ao coração do homem».

De algumas indagações jornalísticas emergiu que a partir do 11 de setembro de 2001 está em curso um rearmamento considerável. Os países mais ricos investem em armas cerca de 707 bilhões de dólares ao ano, contra 107 para a ajuda pública ao desenvolvimento. As multinacionais das armas, trabalham na sombra e no silêncio, sustentam governos, instituições, financiam universidades e pesquisadores tecnológicos.

O Dalai Lama, líder da resistência não violenta no Tibet, propõe ao invés uma prática não violenta que se apóia na promoção de valores éticos: «Se antepomos os outros a nós mesmos, cada um de nós se beneficiará com isso. Uma vez que o próximo precisa ser feliz tanto quanto nós, não deveríamos jamais explorá-lo para servir aos nossos fins egoístas. Independentemente de qual possa ser a vantagem material que lucremos, se nós que devemos compartilhar este planeta desde o nascimento até a morte perdermos o respeito, o amor, a amizade e a solidariedade uns com os outros, as nossas vidas se esvaziarão de significado». O líder religioso deseja que o perdão chegue a ser considerado alguma coisa de enormemente eficaz não somente na vida privada de cada indivíduo, mas também no espaço das relações públicas e no âmbito das relações internacionais.

Possuir no coração o bem do outro não é questão limitada às interações entre os indivíduos. A compaixão, como também o perdão e a tolerância aos quais esta dá vida, pertencem a toda esfera de atividades. Com relação às fontes de paz interior e exterior ao mesmo tempo, são valores fundamentais para a sobrevivência a longo prazo, da humanidade. Estes são os valores próprios da não-violência, mas são também valores que nos restituem sentido e nos permitem ser autenticamente construtivos.

ESTANTE WWW•SITES

Anna Mariani

Indicações de sites interessantes

www.comunitaisdialogo.it

O site contém a experiência de “comunidades em diálogo” constituídas, por assim dizer, pelos jovens: “Tu não morrerás”, “O amor é o primeiro remédio”. A *Comunidade em diálogo* é uma experiência de acolhida e de amor pelos jovens que dela precisam. Cada ser humano traz suas feridas e cada um é ferido lá onde não foi amado. No site a Comunidade propõe-se curar tais feridas apenas com um grande amor e com a disponibilidade de assumir ao menos em parte os sofrimentos que os molestem.

www.ecpat.it

De escravos a crianças – ECPAT Internacional é uma rede internacional de organizações empenhadas na luta contra toda forma de exploração sexual comercial dos menores. ECPAT atua em todo o mundo e está presente em mais de 70 países. O site contém todas as informações necessárias, fala das crianças das quais se ocupa ECPAT e representa um importante instrumento de comunicação com o resto do mundo, facilmente legível e navegável.

O site inteiro visualiza-se corretamente com qualquer *browser* existente.

www.peacereporter.net

É um cotidiano online que trata de temas internacionais e uma agência de imprensa e de serviços editoriais, nascida de uma idéia da agência jornalística *Misna* (Missionary Service News Agency) e da organização humanitária *Emergency*. **Peace Reporter** é um projeto particular, no qual cada qual coloca o seu profissionalismo à disposição de uma idéia: a abolição da guerra. E o faz por meio da narrativa da vida e da morte de quem suportou guerras e conflitos.

Uma narrativa direta e sem prejuízos ideológicos. Uma narrativa para fazer compreender a realidade do mundo também aos que de guerras e de conflitos jamais se ocuparam; que aproxima realidades e pessoas que a informação tende a apresentar como muito distantes e diferentes.

**VÍDEO**

- Mariolina Perentaler

CEM PREGOS

Ermanno Olmi – Itália – 2007

O Filme testamento do grande diretor católico Ermanno Olmi, está agora sendo difundido em DVD. Super-debatido, mas também super-contestado, tanto quanto ovacionado, seja pelo público como pela crítica, requer também de nós “posicionar-nos”. Como abordá-lo, apresentá-lo, interpretá-lo, propô-lo de novo?

A Avaliação Pastoral sublinha que o próprio autor – indicando *Cem Pregos* como o último filme dos seus longos anos como diretor – explica: “Falar sobre quem? De quem lembrar entre tantas possíveis escolhas – para acabar com a ficção – como exemplo absoluto de humanidade à qual poder referir-nos, nos momentos difíceis, para encontrar segurança e esperança? Conclui-se que seja o Cristo? – Sim, respondo, o Cristo Homem, um como nós, que podemos encontrar num dia qualquer da nossa existência, em qualquer tempo e lugar. O Cristo das ruas, não o ídolo dos altares e dos incensos. Nem mesmo aquele dos livros, quando livros e altares se tornam formalidade, conveniência hipócrita ou francamente pretexto de prepotência (...)”.

Comentando estas afirmações e o seu corajoso conto cinematográfico, a Comissão de avaliação Pastoral conclui sem reticências: «É preciso escutar Olmi, enquanto pronuncia estas frases e investigar o seu sofrimento de crente, pois com sinceridade projeta o cenário do futuro numa Fé conquistada dia por dia em contato com a vida concreta. Crucificar os livros e renunciar ao altar em nome de uma religião de rua surge como um desafio tão salutar quanto arriscado. O filme tem a simplicidade do poemeto lírico e a cadência sagrada da parábola. Os camponeses, o Pó, a terra... tornam-se para o diretor bergamasco aquele *unicum* existencial e espiritual que é fermento de civilização, de vida em comum, de respeito recíproco. Olmi permanece em busca e nós com ele sabemos que o Cristo da Fé jamais desaparece, mas está conosco no dia-a-dia (...) em cada lugar de pacificação e de perdão».

O Deus-dogma pendurado pelo prego

Os cem pregos do título são aqueles cravados por um jovem professor de filosofia em outros tantos livros da Biblioteca da Universidade de Bolonha, um ato simbólico e extremo que coloca em alvoroço as Instituições: a Igreja, a Universidade, a Polícia. Começa assim – com uma inesquecível seqüência, “tão magistral – foi comentado – a ponto de valer pelo filme inteiro e colocar-se para sempre na História do Cinema”. Uma biblioteca profanada: manuscritos preciosos, antiqüíssimos livros jogados por terra e ‘crucificados’ com grandes pregos. Descobre-o assombrado o guarda e se desespera o monsenhor, estudioso responsável pelo lugar e que aos livros havia dedicado sua vida inteira. Quem fez isto? Por quê? Uma inscrição entre os títulos com letra grande nos adverte: “...mas os livros, mesmo necessários, não falam jamais sozinhos”. E no final, o diálogo de encerramento no qual o protagonista justifica o fato e esclarece tudo acusando o monsenhor: “Ele amou os livros mais que os homens e os livros podem servir a qualquer patrão. Eu sou contra qualquer forma de religião que considera o Dogma mais importante que o homem”.

Palavras decididamente provocatórias para uma história que alude a profundas verdades ainda que se desenrole em tons delicados, no limite das fábulas, contudo, “evangélicos”.

Um carro se afasta da cidade; dirige-o o professor de história das religiões: insuspeito e confirmado gênio na matéria. Ao longo da estrada livra-se de tudo, joga o celular, fica com a pasta e o cartão de crédito, depois vai. Abandona a máquina e se afasta, decidido a deixar para trás a escravidão do passado: os saberes da página escrita, e recuperar uma relação renovada com a vida. Aproa nas margens tranqüilas do Pó no qual joga jaqueta e documentos, depois vagueia, até descobrir antigas ruínas onde... habitará. Tornar-se-á a sua ‘casa-refúgio’ para um renascimento humano e espiritual. Os habitantes do lugar estão ali para acolhê-lo. Sem fazer perguntas o ajudam a ajeitar-se naquelas ruínas e a se reencontrar, restituindo-lhe com sua simplicidade, espontaneidade e serenidade o sentido verdadeiro da vida. Pouco a pouco, no entrelaçar-se de pequenas histórias de amizade, de cotidianidade e de amor, o fascínio do jovem desconhecido os conquista. Eles o escutam, pedem para tornar a contar as histórias que um tempo ouviam na igreja, como o milagre de Caná e a parábola do Filho Pródigo. Para eles o professorzinho representa e é simplesmente Jesus Cristo, pelo seu olhar, pelo seu modo de falar, pelo jeito como entrou no coração de cada um sem falar de si.

Sobre ele, porém pesa a ameaça da justiça, que o condenará à prisão domiciliar. A partir daquele momento os seus amigos não o reverão mais...

Olmi nos apresenta este homem depois de ter-nos mostrado o escândalo do seu gesto e os efeitos devastadores que produziu na sábia comunidade que, de algum modo, se reconhecia no lugar por ele desfigurado.

Alguém colheu naquele ato “o massacre dos inocentes”, mas a intuição de Olmi é bem outra: daqueles volumes não saiu um só grito de dor, os livros sozinhos não fazem mal, é o uso (ou melhor, o abuso) que os homens fazem deles e dos seus assuntos que pode levar a catástrofes gigantescas, também nos dias de hoje.

PARA FAZER PENSAR

Sobre a idéia do filme

- ***Uma espécie de “testamento moral” com o qual o grande Olmi dá adeus à ficção para secundar a escolha/desejo de filmar apenas documentários, ou seja, a vida verdadeira. Gente entre gente.***

“Na minha idade, diz o diretor, as perguntas não são mais reenviáveis. Estou convencido de que a sinceridade é um dos atos de coragem mais sublimes que a pessoa possa fazer”. E Nepoti – crítico cinematográfico – comenta: “*Cem Pregos* tem todas as características de um filme-testamento: pelo sujeito que propõe, pela lucidez com que o enfrenta, pelo estilo excepcionalmente maduro que conjuga uma espiritualidade e um concretismo de imagens raras de se encontrar no cinema. Olmi tem a coragem de colocar em cena uma nova apologia sobre Jesus Cristo com um ímpeto polêmico que evoca Dostoiévski, uma nitidez de imagens que faz pensar em Bresson, uma leveza dançante próxima a Fellini (...). Por trás das imagens serenas da vida na aldeia, ou do olhar límpido de um surpreendente ator/intérprete Raz Degan, transparece uma criatividade sem aspereza, mas determinada, dura e pura, contra aqueles que manipulam o sentido da vida, da fé. Deixa para todos o elogio da vida simples, da doçura nos relacionamentos humanos”.

Cabe em particular a nós educadores/evangelizadores acolher, viver e relançar esta sofrida/serena entrega que Olmi nos faz. Ajudar o público expectador – em particular os

jovens – a penetrar esta mensagem de “patética atualidade e de amplo respiro” (a Unidade)”.

Sobre o sonho do filme

- ***Contagiar a Verdade com a vida. Morar 'com' os outros, entre o povo da rua, certos de que "qualquer amor vivenciado permanece na memória. Aprende-se mais com o povo do que na escola. A verdadeira cultura é a possibilidade de transformar a cultura". (Olmi)***

“Verdade e Doutrina: isto está no corpo dos livros que o *professor* transpassa com os pregos da cruz”. E é a liberdade que, deste modo, está buscando: a liberdade da palavra acorrentada, a liberdade... que sobre aquela palavra se funda mas da qual se abusa. Em suma, a sua loucura sai em busca do “Cristo das ruas”, como o chama o diretor. Talvez poder-se-ia dizer: sai em busca do “pobre cristo” que pede vida e amor e ao qual a idolatria do poder responde com a autoridade morta de um Livro, qualquer que ele seja. Este é o grito de *Cem Pregos*, este é o seu escândalo. A ele convém que prestemos ouvidos e olhos. Crentes ou ateus, que sejamos, a nós todos se dirige a magnífica loucura de Ermanno Olmi”.

De modo mais simples a dedução personalizada de Piero (20 anos) apresentada no *site* FilmUp sintetiza e declara: “Leio os livros, não os fixo com pregos, mas os destruo quando se tornam apenas papéis ocupando o meu espaço vital. Magnífico Olmi, um mestre na arte de fazer vibrar as cordas do sentimento. Vida na vida e pela vida”.

ESTANTE VÍDEOS - Mariolina Parentaler

A cor da liberdade



Bille August – Alemanha, Bélgica, África do Sul, Inglaterra, Luxemburgo – 2007

Filme didático/educativo, a ser conhecido e utilizado. Trecho das memórias do carcereiro de Nelson Mandela. Película multinacional e nobre, capaz de mostrar aos espectadores como seja possível passar do ódio à fraternidade. Uma obra inatacável do ponto de vista do conteúdo: a sua mensagem convida à pacificação e à abertura mais leal para a compreensão entre os povos. Desenvolve-se de modo claro, seqüencial, simples, intenso. Sem entrelaçamentos ou saltos temporais, não apresenta simbolismos. Fácil, portanto para ser acompanhada, mas capaz de suscitar comprometimento e participação.

O seu diretor, Bille August, tem o mérito de explicar – em menos de duas horas – um tempo de Apartheid, a sua revolta, o fim da Guerra fria e o fim do segregacionismo, a ela ligado. Começa na África do Sul – 1968. Vinte e cinco milhões de negros são governados por uma minoria de quatro milhões de brancos que brutalmente impuseram o regime Apartheid do Partido Nacionalista. Fixados em posições de poder totalitário, vetam aos negros organizar-se em qualquer forma de oposição, condenando o seu líder ao exílio ou à prisão perpétua. James Gregory é um típico *Africaner* branco, que cresceu numa fazenda no Transkei. Aprendeu a falar a língua dos negros quando era criança e isto o torna a pessoa mais capacitada para ser escolhida à guarda de Mandela e dos seus companheiros,

no cárcere especial de Robben Island. A “Frase” célebre do filme refere-se exatamente a este seu papel: “Quero que tu sejas a janela sobre a alma deles... se têm uma”. Conhecendo o dialeto nativo durante os 27 anos de sua reclusão Gregory é encarregado de controlar tanto a correspondência do Líder africano, como suas conversas semestrais com a mulher. *A cor da liberdade* (*Goodbye Bafana*, no título original) narra exatamente como evolui este particular relacionamento entre prisioneiro e carcereiro. De que modo o carisma de Mandela, lentamente, faz Gregory compreender a injustiça do Apartheid, mesmo sendo fortemente convicto da inferioridade da raça negra.

O diretor escreve e dirige o filme inspirando-se precisamente na memória do protagonista (morto em 2003), graças ao encontro com sua mulher. Para a crítica é considerado como “Uma obra de exemplar seqüencialidade narrativa, de nobre exatidão, de utilidade didática política e de tradicional respeito pelo enredo carcerário. É ideal para projeções escolares com um bom debate”.

As Vidas dos Outros

Florian Henckel Von Donnersmarck – Alemanha – 2007

A frase: “Na Alemanha todos preferem mudar”. Filme a ser utilizado/valorizado/proposto em muitas ocasiões para encaminhar reflexões sobre os temas que oferece: História, ditadura/liberdade, Estado/indivíduo. Realizado por um diretor alemão praticamente desconhecido que, com o sua estréia em tela grande, obtém um sucesso imediato e universal. Uma façanha singular, também porque o filme – belíssimo – enfrenta um tema impopular, obscuro, difícil: as perseguições e a espionagem à ação da Stasi, a célebre polícia secreta da Ddr. Uma tragédia que pesou por uma década sobre a população da Alemanha Oriental e, depois da queda do Muro vem a ser quase ignorada, exatamente ‘mudada’. Certamente, resta o fato de que para além do contexto histórico reconstruído muito detalhadamente, *As Vidas dos Outros* – como admite o seu próprio autor – “trata de um tema universal: as organizações de poder que violam a nossa privacidade”. Alemanha Oriental, anos Oitenta. O ministro da cultura vê declamar no teatro a famosa atriz Christa Maria Sieland. Enamora-se dela e encarrega Gerd Wielser, fiel agente da Stasi, de vigiá-la e ao seu companheiro, o dramaturgo Georg Dreyman. A partir daquele momento o apartamento dos dois fica cheio de microfones e ‘escutado’ vinte e quatro horas por dia. Uma vigilância sempre mais íntima, que pouco a pouco subverte a consciência e as relações de ‘obediência’ entre o agente Gerd e os seus chefes. É propriamente a vida de Gerd que muda. Esplendidamente interpretado pelo ator alemão Ulrich Muhe. “Por lei, na Alemanha – conta o diretor – todos os cidadãos do ex-Ddr têm direito de consultar o fascículo contra eles pela Stasi”. Entre os poucos que se aproveitaram disso está exatamente o ator Ulrich Muhe, protagonista e verdadeiro herói do filme. Descobriu ter sido vigiado ele próprio tanto pela mulher, quanto pelos quatro membros de sua companhia teatral. Experiência dolorosíssima que explica exatamente – junto com o talento – a extraordinária interpretação do seu personagem: o atormentado capitão Gerd. Grande filme. Emocionante, inteligente, sem divagações retóricas: ético, intenso, humano, exemplar.

ESTANTE LIVROS – Adriana Nepi

Irmão Roger

A escolha de amar - LDC 2007

No aniversário da morte do seu fundador, os irmãos de Taizé colecionaram amorosamente trechos de cartas, páginas de diário, etc, organizaram como se fosse uma espécie de breve biografia e daí nasceu uma pequena obra de arte. Ilustrado com muitas imagens inéditas o livro nos faz conhecer com rápidos acenos a extraordinária família Schutz, os itinerários cuidadosos do adolescente Roger, as audácias arriscadas dos inícios, mas nos reserva também descobertas inesperadas e comoventes. Talvez nem todos saibam que irmão Roger, notável pelos seus encontros com a juventude, percorreu quase o mundo todo em busca de infelizes para consolar, que muitas vezes dormiu e comeu nas *bidonvilles*: não para resolver problemas, mas para testemunhar a ternura de Deus; e que, ainda hoje, de Taizé, partem irmãos para ir ao encontro dos últimos.

O segredo da pequena comunidade? "Queremos ser homens da escuta, não mestres espirituais..."

Sílvia Giacomoni

Diz Mateus - Longanesi 2007

Livro único no seu gênero. Não é uma série de *lectiones* bíblicas, nem um comentário do Evangelho de Mateus; parece simplesmente ser uma bem sucedida tentativa de restituir ao texto evangélico aquela novidade que o uso rotineiro (ao menos nas liturgias dominicais) corre o risco de ofuscar com o verniz do hábito. É como se Mateus o escrevesse uma segunda vez com oportunas precauções inserindo no contexto esclarecimentos necessários sobre particularidades óbvias ao seu tempo, mas hoje menos compreensíveis. Não se busca aqui atualizar o Evangelho, mas ao contrário tornar acessível o ambiente cultural no qual nasceu quase para tornar o leitor "contemporâneo" ao evangelista.

Paola Bignardi

Existe ainda o laicato? - Ave 2006

Os leigos, segundo uma mentalidade dura de morrer, seriam ainda na Igreja uma simples categoria social, caracterizada por aquilo que não é o que constitui, de fato, a sua vocação batismal. Na realidade a figura do leigo delineada pelo Concílio não se identifica simplesmente nem com o bom cristão que doa à comunidade eclesial ou religiosa as suas capacidades de animação, as suas competências administrativas ou organizativas, nem com aquele que participa voluntariamente dos encontros de oração, das experiências de "espiritualidade". O magistério conciliar especificou na índole secular a verdadeira peculiaridade da vocação laical. Paola Bignardi vê expressa tal peculiaridade "numa figura de leigo que sem necessidade de adjetivos experimenta a beleza e a fadiga da paradoxalidade da vida cristã, ...que está na Igreja de modo absoluto, com uma consciência livre e madura, nem dependentes dos Pastores nem em contraposição com

eles ...numa busca inquieta a respeito do modo de interpretar a vida pelos cristãos". O livro ajuda a compreender que somente sobre uma sólida base de pertença vocacional pode felizmente enxertar-se o estilo educativo da salesianidade.

O LIVRO - Adriana Nepi

Mil esplêndidos sóis

K. Hosseini

O autor, nascido em Kabul e residente em S. José na Califórnia, desde 1980, quando obteve com a família asilo político, havia já atingido uma vasta notoriedade com "O caçador de pipas".

Também o romance que apresentamos está ambientado na atormentada terra do Afeganistão. No entrelaçamento dramático dos acontecimentos políticos e militares que o País está ainda vivendo inseriram-se duas histórias de mulheres: histórias inicialmente diferentes e paralelas, em seguida convergentes numa mesma trágica tessitura de dor e de amor.

Mariam e Laila são as duas protagonistas: a primeira encarna a condição da mulher afegã, marcada por preconceitos e pesados vínculos sociais; a segunda pertence a uma família culta e abastada que lhe garante segurança e amplas possibilidades de realização pessoal; é, porém, envolvida pela crueldade de uma guerra feroz que a priva improvisamente de tudo e que termina por aproximar as duas mulheres num alucinante episódio de violência e de miséria.

Mariam é uma *harami*, uma filha ilegítima exilada desde a infância, junto a uma mãe atormentada pelos sofrimentos e pela humilhação, numa espécie de barraco isolado onde não falta a assistência essencial para sobreviver, onde, porém, sofre uma sede insaciável de afeto. Vive a sua solidão à espera da visita semanal do pai não malvado, mas fraco, ao qual não é concedido violar a honradez da numerosa família com a presença de uma menina que suas mulheres veriam como uma vergonhosa intrusão. E são as mulheres que, para desembaraçar-se completamente daquela presença desagradável, combinam um matrimônio que tornará Mariam vítima desarmada de um homem cínico e violento. Uma luz virá a um certo ponto para encher de alegria a esqualida dolorosa existência de Mariam: a espera de um filho. Belíssimas as páginas que descrevem a improvisa felicidade desta criatura que sabe que vai ser mãe e, depois, o pranto amargo e inconsolável pela criança que não nasceu.

Em Kabul, para onde o infeliz matrimônio levou Mariam, vive Laila, na sua bela casa, circundada de afeto e de queridas amizades: a escola, as primeiras confidências amorosas, os primeiros sobressaltos ao descobrir que um companheiro de infância está se tornando mais que um amigo. Mas sobre este pequeno mundo pesa ameaçadora a História: os anos da ocupação russa com os rumores da resistência afegã ainda distantes de Kabul, já marcaram tragicamente a família de Laila: a morte dos dois irmãos, que foram combater na jihad, jogou a mãe numa triste e desesperadora apatia; os momentos eufóricos da retirada do exército russo, a ilusória esperança de paz em seqüência à queda dos vários regimes comunistas, a guerra feroz dos mujahidin, divididos entre si depois do

fracasso do inimigo comum num desencadear-se de rivalidades e de rancores. A guerra acaba por alastrar-se por toda parte e atinge a própria capital Kabul.

Dia e noite o sibilar dos mísseis mantém Laila com o ânimo em suspense numa espera nervosa: "Frequentemente acontecia na hora do jantar, quando ela e Babi estavam à mesa. Quando começavam, as duas levantavam a cabeça de repente. Escutavam, com o garfo parado no ar, o bocado na boca, o sibilo. Depois, a deflagração, felizmente não ali. Respiravam profundamente por terem sido preservados... enquanto alhures, em meio a gritos e nuvens sufocantes de fumaça, outros agarravam-se aos escombros, escavavam desesperadamente com as mãos nuas para extrair o que restava de uma irmã, de um irmão, de um sobrinho..."

Quem pode começa a fugir de Kabul. Eles não, não podem, não chegaram a vencer a obstinação da mãe fixada nas recordações que a ligam aos filhos perdidos. Um dia, após finalmente o pai ter conseguido persuadi-la, a família apronta-se para partir, empenha-se para pôr a salvo as coisas mais queridas ou mais essenciais. Mas não haverá partida alguma. Laila despertará em estado de semi-consciência com queimaduras e feridas, numa casa de desconhecidos.

Está sozinha, agora. O brutal sapateiro marido de Mariam, tirou-a dos escombros. Rapidamente uma jogada infame associará a sorte da jovem órfã à de Mariam. O malvado homem intui que um fio de esperança pode ainda manter a infeliz jovem ligada à vida. Sabia-se entre os vizinhos que ela e Tariq, os dois jovens que cresceram juntos, alimentavam sonhos de amor. Faz-lhe acreditar com uma mentira que também ele esteja morto e a faz refletir sobre a única possibilidade que lhe resta: desposá-lo.

A este ponto a história das duas mulheres torna-se uma só: divididas inicialmente pela recíproca desconfiança, sobretudo pelo rancor desprezível por parte de Mariam, terminam por ficar amigas. A pequena filha de Laila será a doce mediação e depois o solidíssimo vínculo deste liame. Acontece com Laila o que a seu tempo havia já acontecido com a sofrida Mariam. A maternidade faz sim que Laila quase não sinta mais o peso de sua condição de serva, extasiada ao assistir o encantador crescimento de sua menina e Mariam, conquistada pela graça infantil da pequena, encontra em si mesma os tesouros enterrados de uma humanidade por tanto tempo reprimida e humilhada.

O episódio conclui-se com um acontecimento trágico que, se de um lado vai abrir para Laila o caminho da libertação e o início de uma vida nova e finalmente serena, do outro fará elevar-se a sofrida figura de Mariam como símbolo da mulher injustamente e brutalmente humilhada de modo contínuo, que só em si mesma encontra a coragem de resgatar a sua dignidade.

«Os anos não haviam tratado Mariam com indulgência. Mas talvez a esperavam outros anos, mais clementes. Uma nova vida, uma vida na qual teria encontrado as bênçãos que, segundo Nana, uma *harami* não teria jamais encontrado. Duas novas flores haviam desabrochado inesperadamente na sua vida e, enquanto via cair a neve, imaginou o Mullah Faizullah, fazendo rodar os grãos do seu *tabesh*, inclinando-se sobre ela e lhe sussurrando ao ouvido, com sua voz pacata e trêmula: *Mas Deus foi Deus que as plantou. Ele quer que você cuide delas. É a sua vontade, minha jovem.*» (de *Mil esplêndidos sóis*)

Uma agendinha nova

Percebi um olhar surpreso e talvez um pouco irônico na jovem irmã com quem cruzei ontem enquanto, feliz, lhe mostrava a nova agendinha que me haviam dado. “Veja que bonita! Ano novo, vida nova”.

Talvez a ironia fosse só... colateral; acredito, ao invés, que a sua admiração fosse motivada por uma simples óbvia consideração: O que podes esperar de “novo” tu, que ...já viste tantas celebrações de Início de Ano?

A irmã limitou-se a sorrir dizendo-me: “Bom ano”; e o nosso encontro terminou ali, porque ambas estávamos com pressa.

Porém, depois, olhando a minha agendinha nova flamejante (é vermelha) disse para mim mesma: “Ehi, Camilla, acorda”. Finalmente – digo-me – não é o caso de te deitares cuidadosamente sobre uma... montanha de anos vividos, quando um novo se abre diante de ti, com tantas páginas brancas, vazias, à espera.

O espaço branco disponível para cada dia, na realidade, é pouquinho, mas os meus compromissos – aqueles a serem anotados – não são muitos agora. São muito mais numerosos os que ocupam o espaço do meu pensamento e do meu coração.

O que achas? Com um Capítulo geral em vista sobre o tema do **amor preveniente** há de se prever um empenho *no stop* (que quer dizer: não se deter!), para mim como para todas. E é um empenho a ser apresentado ao Senhor, ainda que sem tanta instrumentação informática, para ajudar a escrever no Instituto uma página que dê continuidade às maravilhosas já escritas pelos nossos Santos (os do altar) e por tantas irmãs santas: aquelas que por 136 anos viveram o mesmo espírito sob todos os céus trabalhando entre as crianças, os adolescentes e jovens de todas as condições sociais.

Se penso que sou “amada desde sempre” por Deus, por aquele Deus que me criou e que vela continuamente sobre a minha vida, devo doar também eu este amor: é um empenho que desconhece a idade de aposentar-se e que acontece nas pequenas situações da minha simples história, cotidianamente enriquecida pelo Dom da Eucaristia.

Que maravilha! A minha pequena história torna-se uma página na história do Instituto: um ano de história a ser escrita, tudo novo, está aqui diante de mim.

Eis porque estou feliz com a minha nova agendinha que, além de tudo, é também vermelha.

É com esta alegria que vos auguro BOM ANO, queridas irmãs amadas por Deus.

Camilla.dma@gmail.com

DIREITOS

"SE A TERRA É FEITA PARA FORNECER A CADA UM OS MEIOS PARA A SUA SUBSISTÊNCIA E OS INSTRUMENTOS PARA O SEU PROGRESSO, CADA SER HUMANO TEM ENTÃO O DIREITO DE ENCONTRAR NELA O QUE LHE É NECESSÁRIO"

POPULORUM PROGRESSIO

"Dá-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos dos irmãos; infunde em nós a luz da tua palavra para confortar os cansados e os oprimidos; faz que nos dediquemos lealmente ao serviço dos pobres e dos sofredores"
(Da Oração Eucarística V/c)

PENSAMENTO

***Para saber se o que os homens elaboraram
serve realmente para o nosso bem,
é preciso que todos os seres humanos
gozem destes progressos e não apenas uma pequena minoria.***

(Lev Tolstoi)

PRÓXIMO NÚMERO

DOSSIÊ:

Nós, mulheres amadas

A mulher como sinal de amor, em particular para a realidade juvenil.

PRIMEIRO PLANO: Lâmpada

Abrir o coração

EM BUSCA:

Direitos humanos e vida consagrada

Esorra como água o direito

COMUNICAR

Jovens.com

YouTube